

A ORGANIZAÇÃO SEQUENCIAL DA RESENHA CRÍTICA *

Anna Rachel MACHADO (PUC-SP)

Abstract

This article aims at presenting some theoretical reflection on the sequential organisation of critical reviews. Our proposal is that such reviews may be considered as being basically organised under the form of a descriptive sequence, as defined by Adam (1992). This proposal is based on the elaboration of the categories that define descriptive sequences, and their comparison with the operations suggested by Beacco & Darot (1984) for the analysis of film reviews and summaries. These ideas are considered a suitable tool for the teaching of review analysis and their production.

Key-words: *review; descriptive sequence; sequential organisation; genre.*

Resumo

O objetivo deste artigo é o de apresentar uma reflexão teórica sobre a organização sequencial de resenhas críticas, na qual levantamos a proposta de que essas resenhas podem ser consideradas como sendo basicamente organizadas sob a forma de seqüência descritiva, tal como definida por Adam (1992). Essa proposta surge da explicitação das categorias

* Este trabalho foi realizado como parte de minha tese de doutorado (v. bibliografia), parte dela financiada pela CAPES.

Meus agradecimentos a Maria do Carmo Martins Fontes pela discussão e releitura final.

que definem as seqüências descritivas e da comparação dessas categorias com as operações que Beacco & Darot (1984) sugerem para a análise de resumos e críticas de filmes e é considerada como instrumento adequado para o ensino de produção e análise de resenhas.

Palavras-chave: *resenha; seqüência descritiva; organização seqüencial; gênero.*

1. Introdução

O objetivo deste artigo é o de apresentar uma proposta referente à organização seqüencial das resenhas críticas que consideramos adequada ao ensino da análise e da produção desse tipo de texto. Visto que consideramos ser absolutamente necessário, antes de qualquer aplicação prática, um conhecimento adequado dos diferentes gêneros que são ensinados em sala de aula, limitamo-nos aqui a uma exposição teórica, sem apresentação de dados empíricos nem de resultados de análises particulares, esperando, entretanto, que nossa proposta possa motivar outros professores/pesquisadores a utilizá-la e testá-la. Para chegarmos à nossa proposta sobre a organização global de resenhas descritivas, efetuaremos inicialmente uma distinção entre as noções de *gênero* e *seqüência*, procurando evidenciar que defendemos a posição de que o ensino de leitura e produção deve ser ensino de leitura e produção de gêneros existentes em nossa sociedade e que a caracterização de cada gênero é indispensável para o sucesso desse ensino. Não ignorando os diferentes aspectos a serem considerados nessa caracterização, enfocaremos, neste artigo, um desses aspectos, o da organização dos conteúdos do texto, com base no conceito de *seqüência* (Adam, 1992). A partir dessa discussão inicial, apresentaremos o que se pode

considerar como esquema prototípico da seqüência descritiva e, a seguir, discutiremos a possibilidade de compreendermos o gênero *resenha crítica de textos* como sendo estruturado nessa forma de seqüência.

2. Gêneros e seqüências

Em relação aos gêneros, a teoria nuclear em que nos baseamos é a de Bakhtin (1953: 301), que defende de forma radical a idéia de que "*para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso*", ou, em outras palavras, a idéia de que "*todos os nossos enunciados se baseiam em uma **forma padrão** e relativamente estável de **estruturação de um todo***". O caráter sócio-histórico dos gêneros é salientado pelo autor, uma vez que eles estão diretamente relacionados a diferentes situações sociais, pois "*cada uma das esferas da comunicação verbal gera um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico*" (Bakhtin, 1953: 284), que se modifica à medida que essas situações se modificam.

Nessa linha de pensamento, a representação que temos de um gênero determinado é o que nos guiaria no processo discursivo, permitindo a compreensão e a produção. Assim, eles funcionariam, na terminologia de Todorov (1978: 49), como "*horizontes de expectativa*" para os leitores e como "*modelos de escritura*" para os produtores, ou, na terminologia de Bronckart (1994b: 5) como "*modelos de referência*". Dessa forma, admite-se que os usuários de uma determinada língua possuiriam um certo tipo de conhecimento dos gêneros dominantes em sua sociedade. Discutindo o estatuto desse conhecimento, Bronckart (1994: 7), observa que os usuários são capazes de reconhecê-los e de classificá-

los, de forma mais ou menos intuitiva, através de rótulos mais ou menos estandardizados.

De acordo com o exposto e observando quais os exemplos dados por Bakhtin em vários momentos de sua discussão, poderíamos considerar como gêneros: o romance, a carta, o diário, o diálogo, as variadas formas de exposição científica, as resenhas críticas, etc., e não a descrição, a dissertação e a narração (embora esse termo possa se referir também a um gênero), tal como ensinadas nas escolas. Para nós, essas últimas seriam formas específicas de organização dos conteúdos de um texto, isto é, seqüências, que podem atravessar diferentes gêneros, sendo a sua ocorrência e a sua combinação um dos elementos caracterizadores de um determinado gênero.

Nessa mesma linha de raciocínio e considerando o plano das seqüências como aquele que pode constituir-se como a base mais interessante para o estabelecimento de uma tipologia textual, Adam (1992) considera que existe um número reduzido de tipos de agrupamentos de proposições, que são as chamadas **seqüências**, definidas como sendo uma **estrutura** (grifo do autor), isto é:

"...un réseau relationnel hiérarchique: grandeur décomposable en parties reliées entre elles et reliées au tout qu'elles constituent;

une entité relativement autonome, dotée d'une organisation interne qui lui est propre et donc en dépendance avec l'ensemble plus vaste dont elle fait partie" (Adam,1992: 28).

Observe-se aqui que, na segunda parte da definição, Adam atribui duas qualificações a essa estrutura - *autônoma* e

em dependência -, o que pode parecer contraditório, se não atentarmos para o advérbio *relativamente*. Partindo de um exemplo, talvez possamos esclarecer de forma mais clara essa questão: num romance, por exemplo, poderíamos delimitar facilmente determinadas estruturas textuais às quais poderíamos atribuir o estatuto de seqüências descritivas ou de seqüências dialógicas. Evidentemente, essa delimitação só é possível devido a um certo grau de autonomia que essas estruturas têm em relação ao conjunto. Entretanto, o significado global e a função dessas seqüências estarão intrinsecamente relacionados ao conjunto maior do qual fazem parte.

Segundo o mesmo autor, cada texto pode ser constituído por um número *n* de seqüências, que podem ser completas, apresentando todas as suas fases expressas, ou incompletas, com a elipse de uma ou de algumas de suas fases. Cada seqüência, por sua vez, é constituída por um conjunto de macroproposições, cada uma delas também constituída por uma ou mais proposições, chegando-se, assim, à seguinte fórmula geral:

(T (Seqüência(s) (Macroproposições (Proposições))))

Pode-se dizer, portanto, que a **proposição** seria a unidade semântica básica. Podemos considerar, de acordo com van Dijk (1980: 17), que essa unidade tem como elemento central um predicado, usualmente interpretado como uma propriedade ou uma relação entre objetos individuais, objetos esses representados pelos argumentos da proposição. A *macroproposição* de uma seqüência seria um bloco de *n* proposições que desempenha uma função X nessa seqüência. Assim, pode-se detectar, na seqüência narrativa, por exemplo, macroproposições de situação inicial, de situação final, etc.

Na superfície, essas macroproposições podem realizar-se através de uma ou mais proposições.

Em seus últimos trabalhos, Adam (1992,1994) tem considerado que se pode admitir a existência de cinco seqüências prototípicas: as dialogais, as narrativas, as argumentativas, as explicativas e as descritivas. Teoricamente, cada texto efetivamente produzido pode apresentar homogeneidade ou heterogeneidade seqüencial, isto é, pode ser organizado só com seqüências descritivas, só narrativas, etc., ou com uma combinação de diferentes tipos de seqüência.

Quanto à possibilidade de os sujeitos produtores e leitores de uma determinada língua identificarem e produzirem informações em forma de seqüências, Adam considera que esquemas seqüenciais prototípicos seriam elaborados pelos sujeitos no curso de seu desenvolvimento cognitivo. Esses esquemas funcionariam tanto na compreensão como na produção de textos, permitindo o reconhecimento dos diferentes tipos de seqüências e o reagrupamento da informação. Assim, o conhecimento de tais esquemas seria o fator primordial para essa identificação, sendo ele mais ou menos reforçado pelas marcas lingüísticas presentes no texto. Sem dúvida alguma, há nesse conceito de esquemas, construídos no decorrer do desenvolvimento e com função importante na compreensão e na produção, uma relação nítida com o conceito de **superestrutura** desenvolvido nos trabalhos de van Dijk e Kintsh (1983), relação essa, aliás, admitida pelo próprio Adam. Entretanto, esse último conceito, nos trabalhos dos dois autores, está relacionado à dimensão textual global, enquanto o conceito de esquema seqüencial de Adam pode ser aplicado tanto à organização global como à organização de partes do texto.

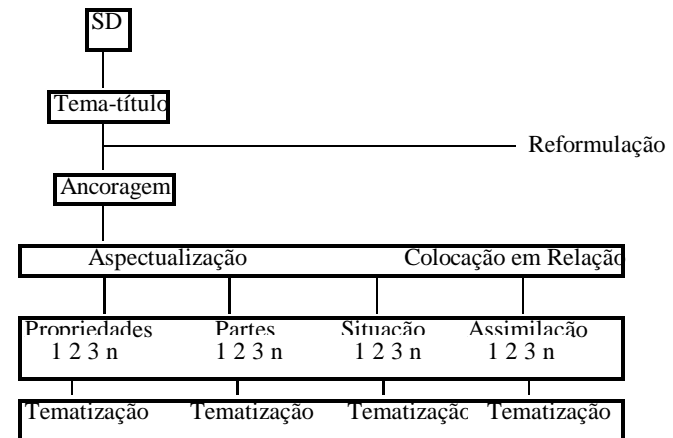
Do nosso ponto de vista, é sobretudo na escola que os aprendizes têm a possibilidade de entrar em contato com os gêneros mais complexos - ou melhor, com os gêneros secundários, na já clássica terminologia de Bakhtin (1953). Através da mediação do professor, eles podem interiorizar as formas de organização características de cada gênero, necessárias à produção e à leitura de textos. Dessa forma, quanto mais consciente estiver o professor dessas formas de organização, mais condições ele terá de efetuar essa mediação e maior poderá ser o sucesso no ensino/aprendizagem dos diferentes gêneros, cabendo aos analistas de discurso trazer as contribuições necessárias para essa conscientização.

3. A seqüência descritiva prototípica

De acordo com Adam, a seqüência descritiva pode ser definida como um tipo de seqüência regida por quatro tipos de operações básicas. Através da operação de *ancoragem*, seja no início ou no final, assinala-se, por meio de um nome, o que ou quem está em questão, estabelecendo-se, assim, o *tema-título* da seqüência. Através da operação de *aspectualização*, os diferentes aspectos do objeto, suas partes e suas qualidades - propriedades são introduzidas no discurso. Através da *colocação em relação*, efetuam-se *assimilações* ou a *colocação em situação* do objeto. Através da assimilação, são estabelecidas relações entre aspectos de dois objetos, ou por meio de comparações, ou por meio de metáforas; e através da colocação em situação, o objeto é situado espacialmente e/ou temporalmente. Finalmente, através da *reformulação*, retoma-se o tema-título, efetuando-se uma modificação desse tema, isto é, passando-se da representação inicial que o tema-título desperta para uma

representação final, decorrente do que é levantado no decorrer da descrição, como por exemplo, quando se conclui a descrição de um homem X com frases do tipo "*Em suma, ele é um gentleman*". Portanto, o esquema geral do protótipo da seqüência descritiva pode ser representado da seguinte forma:

Quadro 1
Esquema do protótipo da Seqüência Descritiva



Deve-se observar que esse esquema indica que há uma recursividade, isto é, os elementos finais do esquema - por exemplo, propriedade 1, parte 1, situação 1 e assimilação 1 - podem ser tematizados e, a partir dessa tematização, serem efetuadas as operações da seqüência descritiva. Por exemplo, se estamos descrevendo uma paisagem, com montanhas e lagos (partes da seqüência descritiva) podemos tomar essas montanhas e lagos e descrever suas partes, qualidades, etc. Se nas montanhas há árvores, podemos tematizá-las e descrever suas partes, qualidades, etc. Essa recursividade é considerada como infinita do ponto de vista teórico, mas finita do ponto

de vista pragmático. Se, do ponto de vista teórico, os elementos de nível inferior podem sofrer tematizações em número infinito, às quais se seguem sucessivamente as demais operações, de um ponto de vista pragmático, o número dessas tematizações está sujeito a um limite. Em outras palavras, do ponto de vista teórico, não há uma delimitação precisa que nos indique quando devemos parar as tematizações de uma descrição. Outro aspecto a se considerar em relação a essa seqüência é que, em algumas descrições, pode-se acrescentar ao esquema proposto, uma categoria facultativa, a *Avaliação*, passível de ocorrer em qualquer lugar da seqüência e que seria típica de descrições "*expressivas*" ou "*subjetivas*", que se apresentam como depositárias de um ponto de vista do locutor ou de um personagem, que se manifesta através de diferentes marcas de subjetividade. Tais descrições seriam próprias de romances na primeira pessoa, de autobiografias, de romances-correspondência e de outros gêneros semelhantes.

Do ponto de vista discursivo, a escolha da seqüência descritiva estaria ligada ao objetivo de "*faire voir dans le détail les éléments du object du discours*" e "*guider le regard du destinataire...*" (Bronckart, 1994: 34), através de determinados procedimentos que são determinados pelo objetivo que o produtor busca alcançar.

4. Resumos e resenhas críticas como seqüências descritivas

Em primeiro lugar, é fácil constatar que há um emprego informal da expressão *descrição de texto*, relativamente à produção de textos que falam sobre outros textos, com a sugestão, já aí, de que estamos diante de uma ou mais

seqüências descritivas. Assim, manuais de ensino de interpretação de textos empregam-na comumente, o mesmo acontecendo nas instruções que os professores dão aos alunos, tal como em orientações do tipo "*descreva o que o texto traz de importante*".

A argumentação mais consistente que desenvolvemos para defender a tese de que esse tipo de texto é constituído basicamente por seqüência(s) descritiva(s), baseia-se no estabelecimento de relações de comparação entre dois conjuntos de pressupostos: a análise proposta por Beacco & Darot (1984) para resumos ou comentários críticos de filmes e de textos científicos e a noção de seqüência descritiva proposta por Adam (1992).

Ao analisar resumos e críticas cinematográficas, Beacco & Darot distinguem entre três tipos de operações discursivas aí realizadas pelo enunciador: ***descrever***, ***apreciar*** e ***interpretar***, cujas ocorrências podem guiar a diferenciação entre tipos diferentes de textos. A descrição de um filme, por exemplo, diz respeito ao assunto, ao conteúdo, podendo ela conservar ou reorganizar a estrutura básica desse conteúdo. Como características lingüísticas, observa-se que há o predomínio da asserção, de marcas da terceira pessoa, sem que haja implicação dos parâmetros da situação de comunicação, e, portanto, sem marcas do sujeito enunciador ou do destinatário e sem a utilização de tempos verbais relacionados ao momento da enunciação. Relacionando o que dizem Beacco e Darot em relação à operação de descrever, à questão das seqüências e dos resumos de textos, podemos dizer que, nestes, encontramos o mesmo tipo de conteúdo - o assunto - e as mesmas características lingüísticas, caracterizando-se, assim, também aqui, uma operação de descrever.

Quanto à organização seqüencial nos resumos de textos, o que encontramos é uma seqüência descritiva, como a de qualquer outro objeto, caracterizada pelas operações já discutidas. Através da operação de ancoragem, coloca-se o tema-título, isto é, o título do texto em questão. Através da operação de aspectualização explicitam-se as diferentes partes do conteúdo e/ou da forma textual, que poderão, por sua vez, ser tematizadas. Como organizadores textuais típicos, apareceriam os temporais ou espaciais do tipo de *primeiro*, *depois*, *no parágrafo X*, *no capítulo X*, etc.

A segunda operação descrita por Beacco & Darot é a *apreciação*, considerada como o julgamento pessoal que se efetua sobre um determinado objeto, levando-se em conta um sistema de valores hierarquizados. Essa operação pode aparecer, ou concomitantemente aos elementos descritivos, ou após esses elementos, podendo ser ela facilmente isolável ou não da descrição propriamente dita. Do ponto de vista das unidades lingüísticas que a caracterizam, essa operação distinguir-se-ia da descrição, fundamentalmente, por comportar marcas do sujeito enunciador, o que permite diferenciá-la pela possibilidade do acréscimo de expressões do tipo "*eu acho*". Além dessas marcas, a realização da apreciação caracterizar-se-ia ainda por apresentar elementos como os seguintes:

- * unidades lexicais dotadas de conotações pejorativas ou valorativas;
- * unidades de quantificação ou de comparação a outros objetos;
- * verbos relativamente sinônimos que remetem ao campo das atitudes psicológicas ou de reações emocionais.

Nos informativos mais curtos, a avaliação poderia aparecer sem qualquer tipo de justificação, enquanto que nos textos críticos, a justificativa estaria sempre presente, estabelecendo-se, assim, uma relação entre os dados e o julgamento. Ainda em referência aos textos críticos, os autores observam que seu desenvolvimento discursivo se articula por um efeito de acumulação: um mesmo julgamento de valor vai recebendo diversas formulações mais ou menos parafrásticas e em relação paratática, ou então avaliações relativas a objetos diferentes vão sendo encadeadas umas às outras, conduzindo a um julgamento global.

Da mesma forma que o fizemos em relação à operação de descrição proposta por Beacco e Darot para resumos de filmes, admitimos que a operação de apreciação também pode ser encontrada em resumos de textos e que podemos estabelecer um paralelo entre essa operação e as operações da seqüência descritiva, tais como propostas por Adam. Em primeiro lugar, podemos assinalar que alguns dos procedimentos que Beacco e Darot enumeram em relação à avaliação, tais como a quantificação ou a comparação a outros objetos, correspondem exatamente à operação de colocação em relação, mais especificamente à de assimilação.

Outro procedimento apontado pelos autores, a utilização de elementos lexicais dotados de conotações positivas ou negativas, corresponde ao processo de atribuição de propriedades através da aspectualização, enquanto as avaliações relativas a objetos diferentes correspondem ao processo de tematização de uma das partes do todo e de sua aspectualização. Quanto à característica que os autores consideram como própria da apreciação, a de poder comportar expressões como *eu acho*, corresponde exatamente

à operação de avaliação propriamente dita proposta por Adam (cf. acima).

A terceira operação apontada por Beacco & Darot, a *interpretação*, é considerada como a operação que teria por função explicar, comentar a significação do filme, tentando-se explicitar, através dela, as intenções do diretor, a lógica do enredo, a coerência dos personagens. Ela seria basicamente constituída por elementos descritivos que se deixam ler ou que se colocam como procedendo de uma atividade interpretativa. Quanto à realização lingüística, a interpretação caracterizar-se-ia por poder ser marcada diretamente por verbos ou por nominalizações do tipo de "*interpretar*" ou "*interpretação*", ou por poder apresentar-se indiretamente. Neste caso, o enunciador pode utilizar diferentes estratégias, tais como:

*atribuir ao diretor do filme determinadas intenções que, na verdade, são o resultado de sua interpretação;

*mostrar a interpretação em curso, pelo emprego de perguntas (retóricas ou não) que colocam em evidência a construção da interpretação;

*utilizar modalidades que marcam a incerteza possível sobre a significação produzida pela atividade do sujeito cognitivo.

Quanto à ordem em que a chamada interpretação aparece no texto, ela pode apresentar maior ou menor grau de imbricação na descrição propriamente dita, podendo, portanto, ser facilmente delimitável ou não, e podendo aparecer concomitantemente ou após a descrição. Essa relação estreita entre a interpretação e a descrição nos leva a crer que, embora elas possam ser distinguidas em termos das

operações desenvolvidas pelo enunciador, em termos de organização seqüencial, elas se confundem, podendo a interpretação ser vista como uma forma de descrição do conteúdo e/ou da forma. Confirmando essa nossa conclusão, verificamos que Beacco & Darot observam que, em resumos de artigos científicos, de forma semelhante à primeira estratégia de realização da interpretação apontada acima, o autor do texto aparece como que envolvido em diferentes atividades intelectuais, tais como:

*operações cognitivas de modo global (*examina*) ou específico (*classifica*);

*operações retóricas ou metalingüísticas (*afirma, diz*);

*considerações práticas ou pragmáticas (*propõe, sugere*).

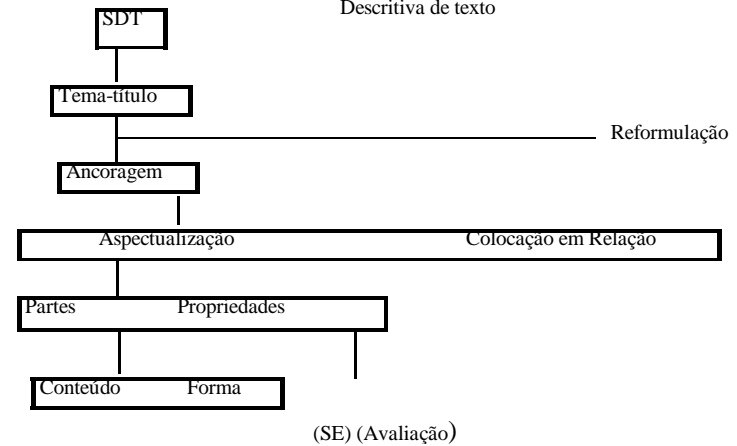
As diferentes expressões que assinalam essas atividades intelectuais seriam uma forma de se apresentar as diferentes partes do conteúdo do texto que é objeto do resumo ou da crítica. Assim, visto que em segmentos desse tipo, nos resumos e resenhas, temos predicados funcionais que descrevem as ações atribuídas ao autor, consideramos que temos aí uma seqüência descritiva de ação encaixada que desenvolve a operação de aspectualização, através da qual se explicitam as partes do conteúdo do objeto em questão.

5. Conclusão

De acordo com os argumentos apresentados, teríamos, nas resenhas, o mesmo esquema do protótipo da seqüência descritiva proposto por Adam, acrescentando-se uma subdivisão na operação de aspectualização, com o objetivo de distinguir as proposições que se referem ao conteúdo do texto

das proposições que se referem à forma. Resumindo nossa proposta, o que chamamos de **seqüência descritiva de texto (SDT)** pode ser representado esquematicamente, da seguinte forma:

Quadro 2
Esquema do protótipo da Seqüência
Descritiva de texto



Observações: a) a colocação no esquema de (SE) (Avaliação) indica que essas categorias poderão estar presentes ou não em um texto dado. Além disso, como em qualquer outro tipo de seqüência, uma ou outra das fases poderá estar ausente.

b) conforme vimos, conteúdo e forma podem ser desenvolvidos por uma SDA (seqüência descritiva de ação)

Em resumo, propomos que os textos que podem ser considerados como filiados ao gênero resenha crítica sejam considerados como basicamente organizados em seqüência(s) descritiva(s). Tais seqüências seriam um subtipo da seqüência

descritiva, pois apresentariam não só uma diferenciação quanto à estrutura geral, mas também quanto aos objetivos discursivos, uma vez que, ao contrário de grande parte de outros subtipos de seqüências descritivas, elas podem aparecer, freqüentemente, de forma autônoma, com objetivo próprio.

Se, do ponto de vista teórico, essa caracterização dos resumos e das resenhas críticas nos parece adequada; do ponto de vista prático, podemos afirmar que a sua utilização para fins didáticos tem-se mostrado bastante produtiva em nosso trabalho na sala de aula, uma vez que tem possibilitado que os alunos construam um modelo adequado desse gênero, possibilitando-lhes a produção e a análise de resenhas de forma bastante satisfatória. Dado que não foi feita nenhuma pesquisa controlada desse trabalho didático e que nosso objetivo, neste artigo, é o de simplesmente apresentar uma reflexão teórica sobre a organização das resenhas, não apresentamos aqui nenhum dado empírico e nenhuma conclusão daí decorrente, esperando, entretanto, que o que foi aqui exposto sirva de motivação para outros pesquisadores e professores que busquem comprovar ou negar o valor da proposta aqui apresentada.

Recebido em 07/1996. Aceito em 12/1996.

Referências Bibliográficas

- ADAM, J.-M. (1992) *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- _____ (1994) *Le texte narratif. Traité d'analyse pragmatique et textuelle*. Paris: Nathan.

- BAKHTIN, M. (1953) Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BEACCO, J.-C. & M. DAROT (1984) *Analyse du discours - lecture et expression*. Paris: Hachette.
- BRONCKART, J. P. (1994) (Mimeo) *Analyse et production de textes*. Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education, Université de Genève.
- DIJK, T. A. VAN (1980) *Macrostructures. An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction and cognition*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- DIJK., T. A. VAN & W. KINTSCH (1983) *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.
- MACHADO, A. R. (no prelo) *O diário de leituras: a introdução de um novo gênero na escola*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP.
- TODOROV, T. (1978) *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

Anna Rachel Machado teaches at the Post-Graduate Programme in Applied Linguistics, PUC-SP. She is interested in and has developed research projects in the following areas: Production and Reading in the Mother Tongue, Discourse Analysis, Conversational Analysis, Language in Work Settings.